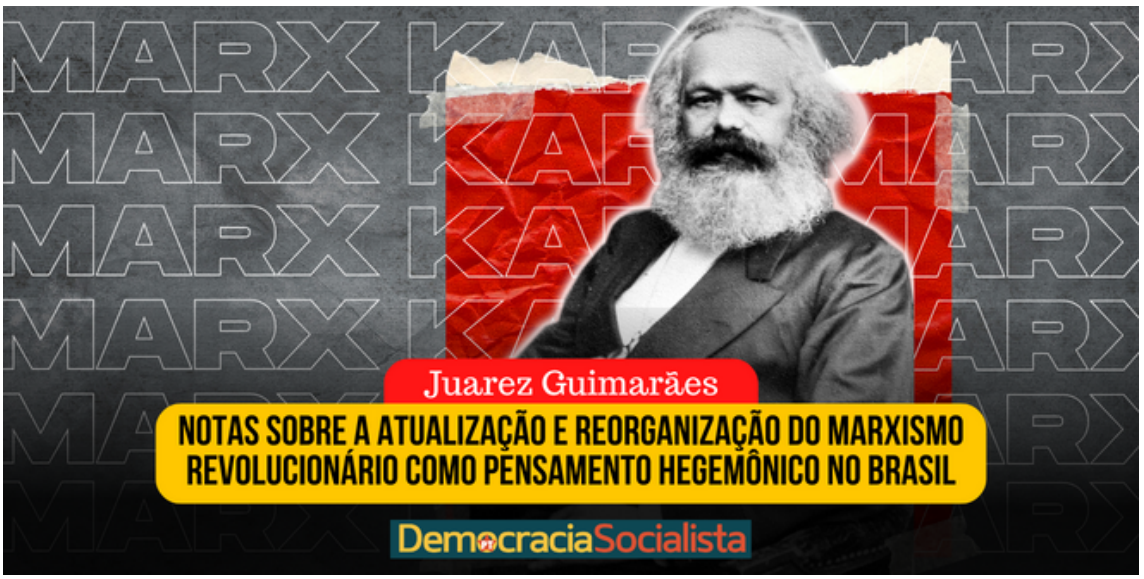
Notas sobre a atualização e reorganização do marxismo revolucionário como pensamento hegemônico no Brasil | Juarez Guimarães



Em alusão ao aniversário de Marx, comemorado neste 05 de maio, publicamos contribuição de Juarez Guimarães sobre a tradição marxista no Brasil. "A luta pela superação do neoliberalismo enquanto princípio de civilização dominante se vincula organicamente aos desafios do marxismo revolucionário em construir uma cultura do socialismo democrático e um programa de resolução da crise de civilização."

1. O passado, presente e futuro do marxismo revolucionário brasileiro, em sua singularidade, deve ser pensado em relação à história e futuro do marxismo revolucionário mundial. As tradições marxistas orientadas para a revolução se inscrevem e se relacionam organicamente à própria história do socialismo democrático. Esta história pode ser pensada em quatro momentos: fundação, cisão, cristalização estalinista e dispersão.

   Se pensado como uma filosofia da práxis da emancipação socialista, em luta permanente com o capitalismo, o marxismo revolucionário não tem um curso teórico autonomizado das experiências das próprias classes trabalhadoras. Desde a sua origem, é em relação com a práxis socialista das classes trabalhadoras que ele pode ser compreendido na história.

2. O ato de fundação do marxismo revolucionário – o Manifesto Comunista de 1848, é uma síntese de Marx e Engels que se diferencia dos outros socialismos e anticapitalismos da época fundamentalmente através do conceito de

autoemancipação. A crítica ao capitalismo, que se tornará sistemática na obra inacabada "O Capital", é centralmente voltada para compreender a sua dinâmica em contradição com a potência emancipatória das classes trabalhadoras. Uma primeira formulação de um Estado de transição para o socialismo amadurecerá através das reflexões sobre o programa e a experiência da Comuna de Paris.

À diferença dos socialismos iluministas (que se propunham a desenhar projetos de sociedades alternativas), dos socialistas substitucionistas (que propunham a libertação das classes trabalhadoras por vanguardas autonomizadas), dos socialistas adeptos da construção de experiências tópicas, mas exemplares (acreditando na força própria de convencimento destas experiências), dos vários reformismos ou projetos sectários da época, o marxismo revolucionário de Marx e Engels se propôs a ser parte dos movimentos democráticos e classistas a partir de um programa anticapitalista. Esta identidade central abriu o marxismo revolucionário para a história viva das lutas anticapitalistas no século XIX, como herdeiro do humanismo democrático e das lutas dos oprimidos, formou a I Internacional e projetou o seu futuro como consciência crítica das lutas pelo socialismo democrático.

3. O período de expansão do marxismo como identidade e referência na formação dos partidos de trabalhadores na Europa, com exceção da Inglaterra, da chamada II Internacional, foi ao mesmo tempo, o momento de sua cisão como uma filosofia da práxis da emancipação socialista. Este movimento de cisão, que se expressou em sua identidade por várias filosofias deterministas alternativas da história e em sua prática pela adoção de estratégias e programas reformistas da ordem capitalista, nunca mais foi superado. Mais do que plural, o corpo teórico do marxismo no século XX foi desde sempre atravessado por antinomias filosóficas, isto é, por fundamentos filosóficos incompatíveis. Foi, em geral, nas alas esquerdas destes partidos chamados sociais-democratas que um marxismo revolucionário e a aspiração de um socialismo democrático continuou a vicejar.

   Este princípio de cisão já estava, de fato, enunciado na obra de sistematização do marxismo do último Engels, que encaminhou a autocompreensão do marxismo para um viés cientificista e determinista histórico, fraturando a sua identidade como filosofia da práxis. O marxismo da II Internacional, em suas variantes, de Plekhanov à Kautsky, do austromarxismo à Bernstein, em seus vários contextos nacionais, já se apresentava profundamente fraturado em seus fundamentos. A

cisão entre reforma e revolução, entre nacionalismo e internacionalismo, dramatizada com a eclosão da I Guerra Mundial, expressava esta cisão na política. Foi na Alemanha, na Itália, mas principalmente na Rússia que se expressou nas alas esquerdas dos partidos da II Internacional o desenvolvimento de um marxismo revolucionário.

4. Foi na Rússia que o programa internacionalista e revolucionário do marxismo ganhou corpo em uma experiência de construção do socialismo que se tornou paradigmática no século XX. O programa desta revolução e seus primeiros anos devem ser reivindicados reflexivamente pela tradição socialista democrática. A derrota deste programa de construção do socialismo democrático, no entanto, deu origem no campo teórico e político a um processo de ruptura duradoura com o marxismo enquanto uma filosofia da práxis de emancipação do capitalismo. Esta ruptura cristalizou-se no chamado Diamat ("Materialismo histórico e dialético") e na dominação da III Internacional pela política da URSS. Um marxismo revolucionário, comprometido com um programa de revolução democrática, continuou a existir nas experiências de lutas dos trabalhadores e em um conjunto de tradições minoritárias, entre eles com destaque sob a herança de Trotsky.

   Durante décadas, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, este paradigma cristalizado de ruptura entre marxismo e autoemancipação, socialismo e democracia, foi dominante, servindo inclusive de referência para as principais revoluções anticoloniais e de sentido anticapitalista que se realizaram no século XX, em seus terrenos de autonomia e enraizamento nacional, como principalmente a revolução chinesa. A herança anticapitalista de Marx e Engels, o seu sentido radicalmente democrático, continuaram a se expressar em um rico acervo de lutas e conquistas teóricas.

5. A crise final do paradigma dominante na cultura do marxismo na maior parte do século XX, o Diamat, coincidiu com o processo de ascensão do neoliberalismo, radicalizando os vetores de ataques às classes trabalhadoras e ao socialismo democrático. A cultura marxista deixou de ter um centro polarizador, levando a um processo profundo de dispersão de lutas e movimentos teóricos. Mas contrariamente à previsão triunfalista dos neoliberais, os movimentos sociais e políticos anticapitalistas continuaram a se desenvolver, mesmo sem um paradigma unificador, assim como o fim do Diamat levou a um rico e plural florescimento de marxismos.

As décadas finais do século XX e iniciais do século XXI, longe de expressarem uma estabilização da dominação capitalista, tem exposto cada vez mais suas crises, que pode ser compreendida como uma crise de civilização, a incapacidade do liberalismo dominante dar resposta aos problemas que ameaçam a humanidade. É este o terreno, por excelência, da atualidade do marxismo revolucionário, enquanto uma filosofia da práxis na história que reivindica para seu programa e para as lutas dos trabalhadores as principais conquistas democráticas, sociais, feministas, antirracistas, anticoloniais, ecológicas da humanidade.

6. Assim, a luta pela superação do neoliberalismo enquanto princípio de civilização dominante se vincula organicamente aos desafios do marxismo revolucionário em construir uma cultura do socialismo democrático e um programa de resolução da crise de civilização. Trata-se, portanto, da construção do marxismo revolucionário enquanto uma filosofia da práxis hegemônica, isto é, que se torne o senso comum de toda uma nova época da humanidade que se aspira construir no século XXI.

   Esta esperança realista porque, como a obra de Marx, ancorada em um diagnóstico da crise do capitalismo e das potências sociais de emancipação inscritas em suas próprias contradições, advém de três qualidades centrais do marxismo enquanto uma filosofia da práxis emancipatória. Em primeiro lugar, o seu sentido radical de autoemancipação que o torna capaz de se ligar e expressar a todas as lutas contemporâneas dos oprimidos e explorados. Em segundo lugar, o sentido de seu pluralismo capaz de construir unidade a partir de diferentes anticapitalismos. Em terceiro lugar, a sua inteligência hegemônica internacionalista, no sentido de oferecer alternativas ao capitalismo existente.

7. O trabalho de edição da chamada MEGA 2 – a publicação integral dos escritos de Marx –, bem como sua nova contextualização histórica, é o maior acontecimento da história da cultura do marxismo desde a sua origem. Mais do que a edição dos "Manuscritos Econômico-filosóficos" de 1844 (que permitiram toda uma retomada do humanismo presente desde sempre na trajetória de Marx e Engels), dos Grundrisse (que ensejaram toda uma rica agenda do marxismo como crítica da economia política), da obra de Trotsky (que reivindica uma atualização do marxismo crítico à experiência da URSS), dos "Cadernos do Cárcere" de Gramsci (que incentivaram um rico processo de refundação filosófica do marxismo), a MEGA 2 coloca os marxistas do século XXI em contato com a força atualíssima e aberta da obra de Marx em sua integridade. Ela incentiva a reconstrução da

unidade de seu corpo teórico, a radicalização da crítica ao paradigma do Diamat, o entendimento de sua práxis antipatriarcal, antirracista e anticolonial, bem como uma autocompreensão de sua história e atualização.

Se a cisão do corpo do marxismo está na origem da crise do socialismo democrático, a reconstrução de sua unidade, em pluralismo, é fundamental para que as experiências políticas e sociais em luta contra o capitalismo neoliberal consigam transitar para a elaboração de alternativas. Sem marxismo revolucionário não pode haver revolução democrática, que será tanto mais socialista quanto mais democrática se conseguir construir.

8. A singularidade da história do marxismo brasileiro, inscrita na história do marxismo revolucionário mundial, pode ser captada teoricamente por três dimensões. A primeira delas é sua própria temporalidade: o seu nascimento coincide com a terceira época da história do marxismo, o da cristalização do paradigma do Diamat. Toda a primeira fase de seu desenvolvimento e de sua própria crise, em um contexto quase permanente de repressão, foi condicionada por seus vínculos com o PCURSS e, depois, com suas dissidências.

   Esta gênese, inscrita na tradição em formação do estalinismo, marcou o marxismo brasileiro com um forte dogmatismo em relação à obra de Marx, cindiu as suas históricas lutas por igualdade social em relação a um programa socialista democrático, criou obstáculos intransponíveis com relação ao feminismo e mesmo à centralidade da luta antirracista em um país composto por uma maioria de não brancos.

9. De um ponto de vista histórico, a inteligência marxista brasileira construiu dois paradigmas de leitura do Brasil: o primeiro, que orientou a ortodoxia pecebista, pensava o Brasil como um sociedade ainda semifeudal, marcada por relações coloniais em relação ao imperialismo norte-americano, vivendo ainda uma etapa de uma necessária revolução democrática burguesa, que abriria o caminho para uma luta em direção ao socialismo; a segunda, que teve no historiador Caio Prado Jr. a sua matriz original, foi a de pensar a formação do Brasil já inserida no grande movimento da formação do capitalismo contemporâneo, tendo se reiterado a sua condição colonial através dos laços que vinculavam as classes dominantes locais aos centros imperialistas. Nesta segunda interpretação, o socialismo brasileiro carecia de formar uma própria e autônoma tradição classista, nas cidades e no

campo, para fazer a luta política pela autonomia da Nação a partir do desenvolvimento de suas próprias reivindicações.

Estes dois caminhos, um popular em aliança com forças burguesas nacionalistas e outro classista em disputa da formação plena da Nação, formaram duas linguagens políticas e culturas, uma povo-Nação e outra classe-Nação, que vão formar uma espécie de paradigmas de origem para se pensar o diagnóstico do país e os programas de superação de seus impasses. Nestes dois paradigmas, a questão democrática aparecia, de fato, subordinada à questão nacional.

10. A emergência de um marxismo revolucionário no Brasil, capaz de pensar ao mesmo tempo a atualidade da revolução socialista e o seu sentido democrático, só emergiu com alguma consistência teórica e com algum enraizamento social na véspera da crise final do Diamat e na emergência do período que chamamos de dispersão do marxismo, com a ascensão do neoliberalismo. Vitorioso na formação de um partido classista, crítico ao Diamat e aberto a um desenvolvimento de uma tradição socialista democrática, este marxismo revolucionário não havia formado ainda uma tradição no Brasil e apenas começava a formar um programa histórico. E sofreu todo o impacto da ascensão do neoliberalismo com sua guerra de saturação às culturas do socialismo e do trabalho.

    Assim, este marxismo revolucionário em processo de formação no Brasil, em contato com outras experiências internacionais, viveu na fase de ascensão e domínio neoliberal um impasse em seu processo de síntese programático e de enraizamento social. Ele resistiu como ala esquerda de um grande partido classista de massas, como aspiração de toda uma geração de militantes socialistas e de movimentos sociais anticapitalistas.

11. O desenvolvimento de uma forte crise internacional do neoliberalismo, que se manifesta de forma evidente no Brasil, e a amplitude de militâncias socialistas e movimentos sociais anticapitalistas cria uma cena histórica propícia à retomada, às novas sínteses e a uma construção programática histórica potencialmente hegemônica do marxismo revolucionário. Desta retomada, síntese e construção programática do marxismo revolucionário dependerá a capacidade de iniciar no Brasil a superação do neoliberalismo, projetando-a e vinculando-a às lutas contra o capitalismo neoliberal.

Se não é possível desenvolver um programa de superação do neoliberalismo, enquanto um princípio de civilização orgânico ao capitalismo contemporâneo, sem o desenvolvimento e novas sínteses do marxismo revolucionário, toda a luta política e social dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, dos povos indígenas fica condicionada por este limite. Como filosofia da práxis aberta na história, o marxismo revolucionário não pode pretender afiançar verdades e futuros determinados. Mas a história já demonstrou que, à sua falta, é o próprio movimento histórico de emancipação do capitalismo que alcança seus limites.

Juarez Guimarães *é cientista político e professor da UFMG.*